

# notícias

Bombas at Costa do Sol  
(Sexta-f) N. 10/2/86

A explosão de duas minas antipessoais ocorrida na quinta-feira, na praia da Costa do Sol, em Maputo, é típica da acção desestabilizadora de que o nosso País tem sido alvo. Ela é parte de uma estratégia que se desenha desde a independência do nosso País: as canetas armadilhadas, as bombas no Scala, a encomenda-bomba que assassinou Ruth First, rádios armadilhados, engenhos explosivos em viaturas...

Estas acções de terror visam propositadamente atingir o cidadão comum.

A dimensão de bestialidade destes crimes é ainda mais patente quando constatamos que muitos dos engenhos e os locais onde são colocados são susceptíveis de atingir crianças.

O adulto e a criança que ficaram gravemente feridos quinta-feira, fazem parte daquilo que a República da África do Sul e os bandidos armados definiram como inimigo: o Povo moçambicano. Todos nós, homens, mulheres e crianças, jovens e velhos, fomos definidos como inimigo. Impõe-se, portanto, a agudização da nossa vigilância e especiais cuidados com as nossas crianças.

As acções de terror visam afectar a estabilidade psicológica do cidadão e criar um clima de insegurança na capital do nosso País. Estas acções de terrorismo têm coincidido com as graves crises internas dos países racistas vizinhos — ontem aconteceu na Rodésia e hoje prosseguem na África do Sul — e surgem num momento muito perigoso no processo político da África Austral. Não é, pois, por acaso que as acções que agora se verificam coincidem com uma grave crise no Governo e no Parlamento sul-africanos.

A reocupação de parte do território angolano pela África do Sul, as ameaças de Pretória ao Botswana e ao Zimbabwe, o golpe de Estado no Lesotho, o aumento no fornecimento de armas e munições aos bandidos armados em Moçambique, são sinais claros de que as forças belicistas de Pretória não só apostam em não cumprir os compromissos como pretendem também provocar uma escalada de agressões em toda a zona. Tentam desta forma impedir a continuidade das importantes acções vitoriosas do ano passado dos Povos moçambicano, zimbabwense e angolano, contra a desestabilização.

Pretendem ainda fazer esquecer as significativas vitórias que o Povo sul-africano já alcançou em mais de meio século de luta e, em especial, nos últimos dois anos de rebelião.

Em relação a Moçambique, as autoridades de Pretória definiram, em fins de Novembro último, uma série de acções a serem empreendidas quer pelos bandidos armados, quer por unidades especializadas do exército sul-africano.

O principal eixo desta escalada na província de Maputo, é o ataque ao sistema ferroviário e à linha de transporte de energia eléctrica. Esta escalada começou em Dezembro, com a sabotagem a uma ponte ferroviária importante e seguiu-se com ataques regulares à linha férrea (a comboios) Maputo/Suazitânia e sabotagens à linha de transporte de energia Nkomatiport/Maputo.

Os assassinatos de pessoas indefesas na periferia do Maputo e o rebentamento de alguns explosivos dirigidos contra civis, completam este quadro de acções terroristas decididas pelas autoridades sul-africanas.

Quanto a estas acções, é importante recordar uma passagem no diário dos bandidos armados capturado em Casa Banana, em Agosto do ano passado e já tornado público pelo nosso Governo. Diz o Brigadeiro Van Tonder, na coluna referente a 18 e 19 de Agosto de 1984: «Quanto ao material para a guerrilha urbana, vamos mandar, mas não todo o tipo de material pedido, porque há algumas bombas que foram montadas na RSA e isto compromete-nos, perante o Acordo de Incomáti, para tal vamos mandar bombas relógio e maquinismo temporários para trabalharem com explosivos».

Portanto, as explosões de quinta-feira não são um caso isolado. Elas fazem parte de toda a acção desestabilizadora lançada pela RAS contra RPM e o seu povo. Estamos perante decisões tomadas ao mais alto nível pelas autoridades sul-africanas. Estamos perante um tipo de terrorismo muito específico: o terrorismo de Estado. Hoje não pode haver dúvidas de que o Estado sul-africano é terrorista, na mais completa acepção do termo.

A polémica sobre o terrorismo de Estado está acesa nos países ocidentais. As agências noticiosas internacionais têm dado amplo destaque a medidas punitivas que vão desde a ameaça militar à aplicação de sanções económicas contra estados acusados de responsabilidade em actos de terrorismo.

É sintomática a complacência com que os mesmos países ocidentais tratam o terrorismo do Estado sul-africano.